

Os pescadores bacalhoeiros nos anos 60

Joana Patrícia Simões Carvalho

joana.patricia.97@hotmail.com

Resumo

A pesca do bacalhau desempenhou um papel importante para Portugal e tinha um grande peso na alimentação deste povo. Portanto, não é de admirar que no início do século XX se comesse a organizar esta atividade. Este ensaio pretende abordar e dar a conhecer a vida dos pescadores bacalhoeiros. Devido a constrangimentos de tempo escolheu-se apenas os anos 60, pois marca o início da Guerra Colonial, e a pesca de bacalhau era uma das escapatórias.

Palavras-chave: pesca de bacalhau; Estado Novo; pescadores; aspetos sociais, década de 60, Portugal, Canadá.

Abstract

The cod fishing played an important role for Portugal and had a great weight in the feeding of this people. Therefore, it is not surprising that at the beginning of the twentieth century began to organize this activity. This essay aims to approach and make known the life of fishermen codfish. Due to time constraints, the 1960s were only chosen because it marks the beginning of the Colonial War, and cod fishing was one of the loopholes.

Keywords: cod fishing, Estado Novo, fishers, social aspects, 60's, Portugal, Canada.

Abreviaturas

GANPB - Grémio dos Armadores de Navios de Pesca do Bacalhau

«Pensando em tantos perigos, nas lutas que trava heroicamente, por cada instantes da sua faina, o pescador ido de Portugal para aqueles mares, senti que cada um deles é herói nessa grande escola de heróis que o mar foi sempre para os portugueses» (Jorge Simões, 2007).

Introdução

Com este trabalho pretende-se estudar os pescadores bacalhoeiros nos anos 60. Tenciona-se abordar os homens que participavam na faina maior e que muitas vezes são esquecidos.

É pertinente mencionar que, da bibliografia consultada, apenas um livro contém relatos de pescadores, possuindo a restante, maioritariamente, relatos de capitães. Além disso, a principal fonte primária, as fichas de inscrição do Grémio dos Armadores de Navios de Pesca do Bacalhau¹, que me proponho estudar, não está estudada. A fonte primária utilizada é demasiado extensa, comparativamente com o tempo disponível para realização deste trabalho. Por isso, optei por analisar os dados de apenas um ano. Assim sendo, foram analisados apenas os registos de 1966. Portanto, neste trabalho pretende-se abordar o perfil dos pescadores que participaram na campanha de bacalhau de 1966, a partir dos seus dados pessoais nos registos de inscrição no grémio, e a vida em alto mar durante a década de 60.

Estado da Arte

O livro *Viagens à Terra Nova: Memórias de um Tempo*, de Aurora Rego, além de tratar aspectos da história da pesca do bacalhau dos dados sobre os homens que nela participavam, possui entrevistas, transcritas na íntegra, que realizou aos pescadores de Vila Praia de Âncora e Caminha². Assim sendo, utilizamos também alguns destes relatos como fonte para estudar os homens que foram à pesca do bacalhau durante os anos 60.

O livro *Heróis do Mar. Viagem à pesca do Bacalhau* foi escrito por um repórter do *Diário da Manhã*, de Lisboa, Jorge Simões, enviado aos mares da Terra Nova e Gronelândia na campanha de 1941, a bordo do navio “Gronelândia” e do “Gil Eanes”, durante um cruzeiro de 182 dias, que foi patrocinado pelo GANPB. Este foi o primeiro repórter a aventurar-se nos mares do Norte. Devo salientar que, devido ao facto de ter sido escrito nos anos 40, o texto sofre grande influência das ideologias do Estado Novo. Além disso, em confronto com a restante bibliografia, nota-se que o autor tenta dar, por

¹ A partir de agora utilizarei a abreviatura GANPB.

² REGO, Aurora Botão – *Viagens à Terra Nova: Memórias de um Tempo*. Caminha, 2016. p. 119-285.

exemplo, uma perspetiva de que os pescadores viviam em boas condições e possuíam uma boa alimentação³.

Fontes principais

Como principal fonte de estudo utilizei as fichas de inscrição do GANPB. Devido às limitações de tempo, tivemos que escolher apenas um ano, pois era impossível tratar toda a informação da década de 60. Estas fichas contêm informações como o ano de inscrição, o porto em que se inscreveu, as campanhas que realizou, o navio e a categoria. Além disso possui também informações pessoais como o nome, a idade e a sua naturalidade. Estas são as fontes estudadas.

Ao realizar a recolha dos dados, reparamos que estes não correspondiam com os que estavam presentes na obra de Álvaro Garrido. O historiador Álvaro Garrido, na obra *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*, com base nas fontes, *Estatísticas do INE; Estatísticas das Pescas Marinhas...; MMI, Navios enviados à pesca do bacalhau, GANPB, s.d*, aponta que, em 1966, o número de pescadores e tripulantes era 3680⁴. No entanto, nas fichas de inscrição do GANPB publicadas no site do museu, só estão inscritos 733 pescadores e tripulantes, a última vez consultado a 11 de Março de 2018.

Ao analisar a ficha de inscrição do GANPB de Joaquim Carvalho⁵, que participou pela primeira vez nesse mesmo ano (1966), reparou-se que na secção dos anos em campanha só constava a campanha de 1966 e a de 1967. Decidiu-se então confrontar estes dados com os presentes na sua cédula marítima⁶, sendo que esta dava um total de cinco campanhas realizadas. As cédulas marítimas eram pessoais e, portanto, não se encontram disponíveis em arquivo. Tornou-se necessário procurar no arquivo do Museu Marítimo de Ílhavo se existia alguma fonte com a informação mais completa acerca destes homens, descobrindo que, junto às fichas dos pescadores e tripulantes, eram colocados uns cartões que complementavam a informação⁷. Ao contrário das fichas de inscrição, estes documentos possuem a informação completa sobre todas as campanhas realizadas, contendo também algumas informações sobre

³ SIMÕES, Jorge – *Heróis do Mar. Viagem à Pesca do Bacalhau*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007 p. 67.

⁴ GARRIDO, Álvaro – *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*. Lisboa: Temas e Debates, 2010. p. 263.

⁵ Anexo 1.

⁶ Anexo 3.

⁷ Anexo 2.

determinado indivíduo em alto mar, como, por exemplo, se o indivíduo adoeceu ou desertou.

Quanto às fontes hemerográficas, utilizou-se *O Jornal do Pescador*, uma publicação mensal, complementar da *Revista de Marinha*, que foi editada entre 1939-1974 e abordava temáticas relacionadas com a pesca, o mar e os pescadores. Possui ainda testemunhos de capitães, bem como legislação sobre a pesca. Além disso, aborda vários tipos de pesca, a pesca local, a pesca da sardinha, a pesca do bacalhau e a pesca no exterior. Utilizou-se também recortes de 2 jornais.

Outra das fontes utilizada foi a entrevista. Para esta entrevista foi elaborado um guião com perguntas ligadas às questões apontadas acima. Ao analisar-se as entrevistas pretendeu-se confrontar com a bibliografia, bem como as entrevistas realizadas por Aurora Rego.

Questões de investigação

A problemática inclui a formulação de questões relacionadas com os aspetos sociais dos pescadores, utilizando como fonte os registos no GANPB, e à vida em alto mar, utilizando as entrevistas como fontes. Assim, com este estudo pretende-se responder às seguintes questões: Como evoluiu a pesca do bacalhau nos anos 60? Que papel desempenhava o Grémio dos Armadores dos Navios da Pesca de Bacalhau? O que terá encorajado a participação na pesca do bacalhau nos anos 60? Qual o perfil dos tripulantes que participaram na campanha de 1966 (idade; naturalidade e residência; função profissional; estado civil; situação militar)? Como era a vida destes pescadores em alto mar? Como os pescadores interpretavam os papéis sócio-profissionais de cada um? Como estes homens interagiam uns com os outros, existia espírito de camaradagem? Qual o papel de St. Johns na vida destes pescadores?

Opções técnico-metodológicas:

No decorrer do trabalho foi necessário utilizar métodos de investigação, de modo a alcançar conhecimentos sobre o tema a trabalhar. Assim sendo, passo a mencionar os instrumentos que utilizei para a elaboração deste trabalho.

De modo a entender o que estava já estudado sobre este tema, decidi realizar uma pesquisa bibliográfica utilizando as seguintes palavras-chave: pesca de bacalhau; Estado Novo. Desta pesquisa obtive as seguintes obras: o livro *O Estado Novo e a*

Campanha de Bacalhau, de Álvaro Garrido, *História da Pesca do Bacalhau*, de Mário Moutinho, e *Faina Maior*, de Francisco Marques e Ana Lopes. Além disso, tinha já consultado o livro *Viagens à Terra Nova: Memórias de um Tempo*, de Aurora Rego. Através destas obras percebi o tipo de metodologia que deveria utilizar neste trabalho.

Quanto às fontes primárias, também se desconhecia o que existia sobre a pesca do bacalhau, então decidiu-se contactar o CIEmar – Ílhavo, onde se encontra a biblioteca e os arquivos guardados no Museu Marítimo de Ílhavo, para saber as fontes que possuía sobre este período. Aí existem vários arquivos disponíveis ao público, entre os quais o do Grémio dos Armadores dos Navios de Pesca de Bacalhau (1935-1976). No arquivo consultou-se as Actas do Conselho e as Fichas de Inscrição do Grémio dos Armadores dos Navios de Pesca do Bacalhau (1935-1976), e concluiu-se que para este tema deviam ser utilizadas as fichas de inscrição, pois são a melhor forma para analisar o recrutamento, não tendo sido ainda estudadas.

Após uma breve pesquisa, percebeu-se que, apesar de a pesca do bacalhau estar bastante estudada, não existe nenhum estudo concreto nem trabalhos específicos sobre os homens que participaram nesta atividade durante a década de 60.

Como já referi anteriormente, devido ao tempo reduzido para trabalhar este tema e ao facto de a informação para a década de 60 ser abundante, decidi analisar apenas um ano, 1966. Numa primeira fase, fiz o levantamento da informação presente nas fichas de inscrição do GANPB, privilegiando a informação pessoal como: a idade em que se inscreveram nas respetivas capitánias; a idade com que embarcavam na campanha; se era a primeira campanha; a naturalidade; e a situação militar. Para a recolha destes dados, decidi utilizar como base de dados uma folha de cálculo em *Numbers*. Quanto à análise dos dados, esta será quantitativa.

Outra fonte utilizada foi a entrevista. Foram realizadas entrevistas a dois pescadores que participaram na pesca de bacalhau durante a década de 60.

1. A pesca de bacalhau durante o Estado Novo e o GANPB

Em 1921, apenas 10% do bacalhau produzido era nacional em relação ao consumo do país. O restante era importado e "representava a saída de verbas vultosas"⁸. Nesse mesmo ano, o governo nomeou uma comissão que tinha o objetivo de "estudar e propor um conjunto de medidas que conduzissem ao desenvolvimento da pesca do bacalhau"⁹.

Esta comissão tirou as seguintes conclusões: o problema devia ser dividido em duas partes. Expunham-se medidas referentes à iniciativa privada e medidas referentes à iniciativa do Estado. Quanto à primeira, "era necessário que se organizassem empresas comerciais que se dedicassem à pesca de bacalhau"¹⁰ e que promovessem tudo que envolvesse isso, por exemplo o fabrico nacional de barcos, etc.

Quanto à iniciativa do Estado, salientava-se ser preciso "isentar do serviço militar os mancebos que durante três campanhas sucessivas forem à pesca do bacalhau"¹¹. A nível de mão-de-obra, facilitava-se a matrícula e atribuíam-se bonificações. Além disso, os trabalhadores ficavam livres do serviço militar para se poderem dedicar à pesca¹².

A 23 de Novembro de 1935, o Estado Novo criou o Grémio dos Armadores dos Navios da Pesca de Bacalhau através do decreto-lei nº 26 106, sendo "o primeiro organismo corporativo do setor"¹³. Tal como outros grémios "obrigatórios" criados por iniciativa pública, correspondia a uma concepção de corporativismo de Estado. Os grémios dependiam do Governo, tendo um delegado encarregue de "vigiar a vida associativa, de impedir que se desviassem dos seus fins estatutários, de estimular a implantação dos regulamentos corporativos e de impor a colaboração entre 'capital' e 'trabalho' "¹⁴.

Estava previsto no decreto que o Grémio devia: desenvolver e orientar a pesca, a secagem e a venda do bacalhau nacional; facilitar o desenvolvimento desta indústria; criar uma sociedade mútua de seguros; melhorar as condições de vidas nas

⁸ MOUTINHO, Mário – *História da Pesca do Bacalhau: por uma antropologia do "fiel amigo"*. Lisboa: Editorial Estampa, 1985, p. 69.

⁹ MOUTINHO, Mário – *História da Pesca do Bacalhau: por uma antropologia do "fiel amigo"*, p. 69.

¹⁰ MOUTINHO, Mário – *História da Pesca do Bacalhau: por uma antropologia do "fiel amigo"*, p. 70.

¹¹ MOUTINHO, Mário – *História da Pesca do Bacalhau: por uma antropologia do "fiel amigo"*, p. 70.

¹² MOUTINHO, Mário – *História da Pesca do Bacalhau: por uma antropologia do "fiel amigo"*, p. 70.

¹³ GARRIDO, Álvaro – *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*, p. 170.

¹⁴ GARRIDO, Álvaro – *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*, p. 172.

embarcações; assegurar a proteção contra os acidentes de trabalho e os riscos da profissão¹⁵.

Segundo Álvaro Garrido, estes deviam trabalhar em sintonia com os sindicatos nacionais e com as futuras Casas dos Pescadores de modo a resolver os “problemas do trabalho e da ‘previdência social’ ”¹⁶, deviam trabalhar também “com os organismos de coordenação económica na regulamentação das atividades produtivas ou comerciais que dirigiam”¹⁷.

Em teoria, o Grémio entregava uma lista com a tripulação relativa a cada navio. No entanto, sabe-se que as tripulações pouco mudavam, à excepção da saída de uns pescadores e entrada de outros. Quanto aos salários, estes eram pagos “em conformidade com os termos de um contrato firmado entre os seus representantes e o grémio”¹⁸. Além do salário, cada pescador recebia os seguintes artigos: um par de botas de borracha até à coxa; lona para coser velas novas para o dóri, um sueste, um kg de tabaco; oito litros de óleo para tratar as rabanas, as velas e os aventais de pesca; seis pares de luvas¹⁹.

Até 1961-1962, verifica-se um aumento quase constante de pescadores. A partir desses anos, inicia-se a desmobilização dos navios de pesca à linha. Entre 1961 e 1967, “o número de homens que vão ao mar decresce na ordem dos 46% e aproxima-se dos valores médios dos últimos anos quarenta, período em que o número de navios enviados aos “bancos” era, porém, substancialmente menor”²⁰.

Os veleiros possuíam mais mão-de-obra (80%), já os navios de pesca à linha sofrem “uma quebra irre recuperável”²¹ a partir dos inícios dos anos 70, descendo a valores sempre inferiores a 70%. Por fim, os arrastões mobilizavam muito menos mão-de-obra do que os navios à linha, “sendo responsáveis pela ligeira quebra da expressão demográfica e social dos ativos da pesca de bacalhau que se regista por meados dos anos sessenta”²².

Segundo Álvaro Garrido, podemos concluir que, entre 1960 e 1967, há um

¹⁵ Decreto-lei n.º 26 106.

¹⁶ GARRIDO, Álvaro – *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*, p. 171.

¹⁷ GARRIDO, Álvaro – *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*, p. 171.

¹⁸ VILLIERS, Alan – *A Campanha do Argus. Uma viagem na pesca do bacalhau*, p. 369.

¹⁹ VILLIERS, Alan – *A Campanha do Argus. Uma viagem na pesca do bacalhau*, p. 369.

²⁰ GARRIDO, Álvaro – *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*, p. 263.

²¹ GARRIDO, Álvaro – *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*, p. 263.

²² GARRIDO, Álvaro – *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*, p. 263.

decréscimo no número de navios, que passam de 6.286 para 3.549.²³

A atração pelos navios de arrastão, que ofereciam melhores condições, levou a que as remunerações médias por homem da pesca à linha aumentassem de 15,8 contos para 20,6 contos, entre 1956 e 1964. Neste mesmo período, as remunerações dos pescadores dos navios de arrasto "decrecem ligeiramente e acusam mesmo alguma descida em termos reais"²⁴. Isto evidencia que o problema da mão-de-obra persistia nos navios de linha, "cuja pesca seletiva o Estado considerava decisiva para aprovisionar o mercado de peixe de tamanhos médios e superiores"²⁵. Segundo o autor, a "transformação de navios de linha em arrastões e a paralisação das construções para a pesca com dóris"²⁶ exerceu influência na diminuição do número de pescadores.

Nas últimas décadas dos anos 60 é evidente nos jornais que a pesca de bacalhau estava a perder o seu fulgor. No jornal *A Capital*, é publicado, a 20 de Agosto de 1968, um texto onde João Sarabando afirma que, apesar de os navios portugueses terem capacidade de encher 433 000 quintais, no mês anterior apenas estavam nos porões 150 000 quintais²⁷. Para esta mesma altura, Aurora Rego afirma que o número de primeiras viagens desce, considerando que isto se deveu a dois fatores principais: naufrágios e inutilização de muitas embarcações e da forte emigração para a Europa.

2. A vontade de partir

Além de dura, esta faina tinha uma duração grande, cerca de seis meses. Assim, temos de tentar perceber o que motivava estes homens a partir.

Para Aurora Rego, a partida dos homens do concelho de Caminha devia-se essencialmente a duas necessidades fundamentais: a pobreza da classe piscatória e a fuga ao serviço militar a partir do início da Guerra do Ultramar, em 1961, uma vez que "a pesca do bacalhau, embora arriscada parece aportar, finalmente, um futuro para os mais jovens e um auxílio imprescindível para que os chefes equilibrem a economia familiar"²⁸. Já o jornalista Jorge Simões escreveu na sua obra que, entre os relatos que

²³ GARRIDO, Álvaro – *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*, p. 264.

²⁴ GARRIDO, Álvaro – *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*, p. 265.

²⁵ GARRIDO, Álvaro – *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*, p. 265.

²⁶ GARRIDO, Álvaro – *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*, p. 265.

²⁷ SARABANDO, João – A captura do bacalhau exige dos pescadores penosos sacrifícios. In *A Capital*. Lisboa, 20 de Agosto de 1968.

²⁸ REGO, Aurora Botão – *Viagens à Terra Nova: Memórias de um Tempo*, p. 18.

ouviu, um homem disse que a ideia que o animou a vir de viagem foi “ser gente, fazer a sua casa”²⁹.

Ambos os entrevistados para este trabalho, quando questionados sobre o(s) motivo(s) que os levaram a inscrever-se na pesca do bacalhau, ambos disseram que se inscreveram para não prestar serviço militar.

[...] como o meu pai era pescador, eu decidi escrever-lhe para pedir para me levar para a beira dele, para fugir à tropa³⁰.

Como já referi anteriormente, na altura, muitos jovens tentaram escapar ao recrutamento militar sobretudo através da emigração “a salto”, já outros auto-infligiam, de modo a serem considerados inválidos. Além disso, há que salientar que, apesar de ser um trabalho duro, esta actividade fornecia mais estabilidade financeira, uma vez que era mais bem paga em relação a outros ofícios.

Antes de embarcarem para a pesca de bacalhau, os pescadores deviam integrar a Escola de Pesca. No entanto, um dos entrevistados não integrou a escola, recorrendo antes a familiares que estavam na pesca:

[...] decidi pedir à mulher de um tio meu, que andava no David Melgueiro, [...], para ver se ele também me levava para lá [...] Essa minha tia escreveu ao homem, e ele pediu ao capitão, que era o capitão Gilberto Morgado, para ver se me levava para lá, e o Gilberto Morgado como era muito amigo desse meu tio, disse que sim, inscreveu-me na SNAB[...]³¹.

Já o outro entrevistado, Celestino Carvalho, afirma que foi o pai dele que o inscreveu na Escola de Pesca³². Esta situação de não ter sido aluno na Escola de Pesca também aparece nos relatos recolhidos por Aurora Rego³³, em que, tal como Joaquim Carvalho, os pescadores recorreram a um familiar ou amigo para ingressar na pesca. O facto de Joaquim Carvalho não ter ingressado na Escola de Pesca levou-me a questionar se encontrou algum problema ao matricular-se. Este disse que não, apenas que após fazer a inscrição devia ter ido “ao banho”³⁴ e que este não sabia nadar.

²⁹ SIMÕES, Jorge – *Heróis do Mar. Viagem à Pesca do Bacalhau*, p. 55.

³⁰ Entrevista a Joaquim Carvalho, 2018 Cf. Anexo 4.

³¹ Entrevista a Joaquim Carvalho, 2018 Cf. Anexo 4.

³² Entrevista a Celestino Carvalho, 2018 Cf. Anexo 5.

³³ REGO, Aurora Botão – *Viagens à Terra Nova: Memórias de um Tempo*, p. 130, 157, 185, 220, 236, 243.

³⁴ Expressão utilizada que significa nadar.

Eles não me puseram nenhum problema, só que fiz a inscrição e depois tinha que se ir lá porque tinha que ir ao banho, para saber se sabia nadar, e eu fui para a pesca do bacalhau e não sei nadar, é curioso, eu fui para a pesca de bacalhau e não sei nadar, só que quando eu fui para ir lá, naquele dia marcado que tinha que ir ao mar, ao banho, chovia muito, e então, o senhor que esta na capitania virou-se para mim e disse “Ó meu menino isto está tanta chuva, tanta chuva, tu sabes nadar” “Sei, sim senhora”, menti. Passamos ali um bocado de tempo e voltamos para dentro outra vez e passaram a coisa como se fosse certa³⁵.

3. O perfil dos associados inscritos no GANPB no ano de 1966

3.1. Idades

Tabela 1. Grupos etários

Idades	Nº de inscritos	%
< 18	102	13,92
19 — 29	425	57,98
30 — 39	33	4,50
40 — 49	98	13,37
50 — 59	64	8,73
60 <	10	1,36
Indeterminado	1	0,14
Total	733	100%

Fonte: CIEmar - Ílhavo. Grémios dos Armadores dos Navios da Pesca do Bacalhau — *Fichas de inscrição de Pescadores e Tripulantes, 1966*.

Como podemos observar na tabela 1, a maior parte dos inscritos era jovem. Cerca de 70% dos inscritos estava entre os 18 e os 29 anos, o que demonstra uma adesão das camadas jovens à campanha de pesca do bacalhau. Assim sendo, podemos considerar válida a ideia de que muitos destes jovens se inscreveram neste ano para escapar ao serviço militar.

³⁵ Entrevista a Joaquim Carvalho, 2018 Cf. Anexo 4.

3.2. Naturalidades e residência

Tabela 2. Naturalidade (por distritos)

Naturalidade	Nº de inscritos	%
Bragança	1	0,14
Cabo Verde	1	0,14
Castelo Branco	1	0,14
Portalegre	1	0,14
Guarda	2	0,27
Santarém	2	0,27
Viseu	2	0,27
Vila Real	3	0,41
Indeterminado	4	0,55
Açores	6	0,82
Braga	11	15,01
Setúbal	16	2,18
Lisboa	20	2,73
Viana do Castelo	32	6,00
Faro	47	6,41
Leiria	65	8,87
Coimbra	116	15,83
Porto	140	19,10
Aveiro	263	35,88
Total	733	100%

Fonte: CIEmar - Ílhavo. Grémios dos Armadores dos Navios da Pesca do Bacalhau — *Fichas de inscrição de Pescadores e Tripulantes*, 1966.

Tabela 3. Residência (por distritos)

Residência	Nº de inscritos	%
Guarda	1	0,14
Vila Real	1	0,14
Santarém	2	0,27
Açores	6	0,82
Braga	10	1,36
Setúbal	23	3,14
Lisboa	25	3,41
Viana do Castelo	30	4,09
Indeterminado	38	5,18
Faro	40	4,80
Leiria	59	8,05
Coimbra	112	15,28
Porto	133	18,14
Aveiro	253	34,2
Total	733	100%

Fonte: CIEmar - Ílhavo. Grémios dos Armadores dos Navios da Pesca do Bacalhau — *Fichas de inscrição de Pescadores e Tripulantes, 1966*.

Quanto à naturalidade e residência, reparamos numa prevalência das zonas costeiras, não invalidando a presença de homens vindos de concelhos como Vila Real e Guarda. Podemos observar que o distrito que mais sobressai em termos de naturalidade e residência é Aveiro, com 35,08% e 34,2%, respetivamente. Devemos salientar que a maioria dos inscritos deste distrito vivia em Ílhavo. Segue-se como segundo distrito com mais inscritos o distrito do Porto, sendo naturais 19,10% dos inscritos e 18,14% residentes, destacando-se os concelhos de Póvoa de Varzim e Vila do Conde. Outro distrito que sobressai é Coimbra, de onde eram naturais 116 inscritos e 112 residentes, do qual se destaca o concelho de Mira.

3.3. Estado civil

Tabela 4. Estado Civil

Estado Civil	Nº de inscritos	%
Amancebado	4	0.55
Casado	144	19.65
Separado	1	0.14
Solteiro	142	19.37
Indeterminado	442	60.30
Total	733	100%

Fonte: CIEmar - Ílhavo. Grémios dos Armadores dos Navios da Pesca do Bacalhau — *Fichas de inscrição de Pescadores e Tripulantes, 1966*.

Quanto ao estado civil, notamos que a maioria é indeterminado, cerca de 60%. É também visível que o número de homens casados ou amancebados e de homens solteiros é muito próximo, 148 e 142, respetivamente.

3.4. Situação militar

Tabela 5. Situação militar

Situação militar	Nº de inscritos	%
Foi Militar	251	34,24
Não foi militar	126	17,19
Indeterminado	356	48,57
Total	733	100%

Fonte: CIEmar - Ílhavo. Grémios dos Armadores dos Navios da Pesca do Bacalhau — *Fichas de inscrição de Pescadores e Tripulantes, 1966*.

A situação militar foi outro aspeto que interessou para o estudo. Em 1961 iniciou-se a Guerra Colonial, que conduziu ao recrutamento da maioria da população

masculina jovem e, consequentemente, à fuga ao serviço militar obrigatório por parte de alguns. Podemos concluir que quase 50% dos homens não tinha situação militar determinada. Numa análise mais qualitativa, estes são sobretudo jovens que nasceram na década de 40 e, portanto, estariam aptos para o serviço militar. O número de homens que foram militares, 251, ocupava, sobretudo, categorias profissionais como capitão e piloto.

3.5. Categoria profissional

Tabela 6. Categoria Profissional

Categoria Profissional	Nº de inscritos	%
Indeterminado	1	0,14
Chefe de Salga	1	0,14
Médico	1	0,14
Praticante de piloto	1	0,14
Maduro/verde	1	0,14
1º maquinista	3	0,41
Ajudante de cozinheiro	3	0,41
Radiotelegrafista	3	0,41
3º maquinista	4	0,55
Especial	4	0,55
Imediato	5	0,68
Maduro	5	0,68
Redeiro	6	0,82
Salgador	8	1,09
Capitão	10	1,36
2º motorista	11	1,50
3º motorista	11	1,50
Eletricista	11	1,50
Piloto	11	1,50

Categoria Profissional	Nº de inscritos	%
1º motorista	12	1,64
Cozinheiro	12	1,64
Enfermeiro	12	1,64
1ª linha	13	1,77
Contramestre	13	1,77
3ª linha	14	1,91
Escalador	19	2,59
Criado	26	3,55
2ª linha	37	5,05
Ajudante de motorista	37	5,05
Moço	74	10,10
Verde	364	49,66
Total	733	100%

Fonte: CIEmar - Ílhavo. Grémios dos Armadores dos Navios da Pesca do Bacalhau — *Fichas de inscrição de Pescadores e Tripulantes, 1966*.

Por fim, quanto às categorias profissionais, as características desta faina conduziam a que, para o bom funcionamento do navio, fosse necessário uma rigorosa organização do trabalho, bem estruturada e hierarquizada.

A maior parte dos homens inscritos em 1966 eram pescadores, cerca de 64%. Por sua vez, os pescadores eram divididos em várias categorias. Os iniciantes na faina eram os “verdes”, e na campanha de 1966 eram 364. Já os que tinham realizado mais que uma viagem eram tratados por “maduros”, eram 6. Já os “especiais” eram 4 e os de “primeira linha” eram 13, a que se seguiam os de “segunda e terceira linha”, respetivamente 37 e 14, sendo escolhidos por serem os mais experientes e que rendiam mais³⁶. Existia também o “redeiro”, 6; o “salgador”, 9; o “escalador”, 19; e o “troteiro” (este, apesar de ser mencionado na bibliografia e nas fontes orais, não o é nesta fonte).

³⁶ AMORIM, Inês – “As pescas”. In MADUREIRA, Nuno Luís (coord.) - *História do Trabalho e das Ocupações*. Oeiras: Celta Editora, 2001. Vol. II. p. 139

Passamos então para os tripulantes dos navios que, apesar de não serem pescadores, desempenhavam também um papel fundamental na vida em alto mar. Começamos pelos o “moços”, com 74 inscritos. Esta categoria, ausente na bibliografia, fazia limpezas dentro da embarcação e vigia³⁷. Seguiam-se os motoristas, que eram 71, também divididos em primeiro, segundo e terceiro, como os pescadores de linha. Esta categoria também se encontra ausente na bibliografia e não foi abordada nas fontes orais. Estavam também inscritos 26 como criados, 15 como cozinheiros, 13 como contramestres, 12 como enfermeiros, 11 como eletricitas, 7 como maquinistas, 3 como radiotelegrafista e 1 como médico.

Por fim, a hierarquia superior era composta pelo capitão, o piloto e o imediato, correspondendo a 10, 12 e 5 inscritos, respetivamente.

Passamos a elencar o que competia a cada categoria profissional durante a faina maior. Os capitães eram “homens de grande experiência e domínio de técnicas de navegação”³⁸. Quando se encontrava no pesqueiro, competia ao capitão “estudar o melhor lugar para fundear o barco e realizar a pesca”³⁹. Além disso, este tinha que mostrar uma posição de superioridade para manter a sua autoridade e a disciplina a bordo.

Os imediatos não pescavam mas eram “conhecedores de manobras de navegação em alto mar”⁴⁰. O imediato tinha de trabalhar “em consonância com o capitão, podendo substituí-lo em situações de emergência”⁴¹. O imediato transmitia à restante tripulação as ordens e instruções que recebia do capitão.

O piloto destas embarcações recebia ordens do capitão para “atender as fragatas fornecedoras dos bens de equipamento a embarcar e verificar toda a lista de requisições de abastecimento para os homens [...] assim como para a pesca e navegação”⁴². No pesqueiro, competia-lhe “zelar pela gestão da limpeza e organização do convés a fim de assegurar a recepção do peixe”⁴³.

Dentro de algumas embarcações eram também colocados médicos e enfermeiros.

³⁷ Entrevista a Celestino Carvalho, 2018 Cf. Anexo 5.

³⁸ AMORIM, Inês – “As pescas”. p. 130.

³⁹ AMORIM, Inês – “As pescas”. p. 128.

⁴⁰ AMORIM, Inês – “As pescas”. p. 131.

⁴¹ AMORIM, Inês – “As pescas”. p. 132.

⁴² AMORIM, Inês – “As pescas”. p. 143.

⁴³ AMORIM, Inês – “As pescas”. p. 143.

Ao cozinheiro competia fazer uma boa racionalização dos mantimentos para a campanha toda. O cozinheiro contava com ajudantes auxiliares.

O cargo de eletricista está ligado à operacionalidade e manutenção dos aparelhos e circuitos elétricos dos navios e equipamentos instalados no interior de um navio, Como tal, compreende-se que a inclusão no setor das pescas se fizesse “à medida que as técnicas de pesca e construção naval o exigiam”⁴⁴.

Os maquinistas estavam divididos em 3 subcategorias. Para alcançar este cargo era necessário a obtenção da carta de maquinista, que se obtinha na Escola Náutica.

O contramestre recebia este posto devido à sua experiência, acumulada nas sucessivas campanhas de pesca em que tinha participado. Era ele que mandava nos outros pescadores, mas também trabalhava com estes. Nos navios de pesca à linha, este pescador podia escolher o seu dóri, ao contrário dos seus colegas. Segundo Joaquim Carvalho, no arrastão a sua responsabilidade era mais no convés.

O troteiro degolava o bacalhau e abria-o tirando-lhe as vísceras. Havia ainda um quebra-cabeças que partia a cabeça ao bacalhau. A seguir passava para o escalador que retirava a espinha. O bacalhau descia por uma canēja até ao porão, passando para o salgador. Aí era deitado o sal e era acamado. Cada um destes setores tinha um responsável: o mestre. Todos estes serviços eram feitos “durante horas, apesar do frio, do balanço do barco, da chuva, da agitação do mar, numa constante prova de esforço que exigia estratégias para aguentar a dureza do trabalho. Cantava-se, fumava-se, bebia-se café, ou ainda, prémio merecido, aguardente que ajudava a aquecer os pés, quase sempre metidos em água”⁴⁵. Por fim, o redeiro tinha, durante a viagem até ao pesqueiro, que preparar as redes.

Por pura coincidência, quando questionados sobre as categorias profissionais que desempenharam, ambos os entrevistados referiram que foram timoneiros. No entanto, esta profissão não se encontra presente nem na bibliografia consultada, nem no GANPB. Assim sendo, leva-nos a especular que esta categoria não era reconhecida no GANPB. Concluiu-se que o timoneiro era um homem escolhido entre os pescadores pelo capitão, que ficava encarregue do leme e tinham que aprender a tirar posições⁴⁶. O horário destes era mais folgado, uma vez que trabalhavam de seis em seis horas.

⁴⁴ AMORIM, Inês – “As pescas”. p. 152.

⁴⁵ AMORIM, Inês – “As pescas”. p. 155.

⁴⁶ Entrevista a Joaquim Carvalho, 2018 Cf. Anexo 4. e Entrevista a Celestino Carvalho, 2018 Cf. Anexo 5.

4. A vida em alto mar

Normalmente, a partida para a campanha de pesca de bacalhau ocorria entre Março e Maio e os pescadores e tripulantes só regressavam cinco a seis meses depois, “dependendo muito da abundância do pescado e da boa sorte em encontrar pesqueiros certos”⁴⁷.

A campanha da pesca do bacalhau iniciava-se com a bênção dos lugares bacalhoeiros, ainda realizada na década de 60⁴⁸, presidida por altas individualidades, descrito por Jorge Simões como um “cenário de majestade e grandeza”⁴⁹. Esta cerimónia de partida é comparada com a partida para os Descobrimentos no século XV, como podemos observar pela seguinte frase: “festa de carácter religioso e marítimo, junto ao rio de onde saíram naus quinhentistas, coalhado de barcos ansiosos por largar, próximo do mar, tendo por fundo do altar uma vela e uma cruz de Cristo, como a dos Descobrimentos”⁵⁰. Considerava-se que a partida destes homens para a pesca do bacalhau se assemelhava às partidas realizadas em outros séculos, afirmando que estes pescadores tinham “o mesmo espírito de audácia, a mesma luminosa fé cristã”⁵¹.

Devido à escassez de peixe na Terra Nova, os pescadores portugueses passaram a procurar este peixe na Gronelândia. Durante a II Guerra Mundial, os portugueses eram os únicos a pescar nos bancos da Gronelândia, mas mal a guerra acabou aparecerem navios de outras nacionalidades. Foi por esta mesma altura que se começou a desenvolver a pesca por navios arrastões.

Quanto a mantimentos, Alan Villiers diz que as reservas “eram enormes”⁵². Estas eram: barris de vinho e aguardente, pipas de azeitonas e azeite, leguminosas, açúcar e farinha, pés de porco salgados, carne de vaca argentina, comida enlatada, banha de porco, cereais e tubérculos. As câmaras frigoríficas levavam também comida fresca. Havia ainda um compartimento com produtos médicos.

Outro aspeto que decidi abordar foi a alimentação destes homens. A alimentação era um factor importante, pois estes homens trabalhavam um grande número de horas seguidas e lidavam com temperaturas baixas, o que fazia com que ficassem rapidamente desgastados e, conseqüentemente, necessitassem de ingerir calorias. A comida servida

⁴⁷ REGO, Aurora Botão – *Viagens à Terra Nova: Memórias de um Tempo*, p. 32.

⁴⁸ *Jornal do pescador*. Lisboa, 1960-1969.

⁴⁹ SIMÕES, Jorge – *Heróis do Mar. Viagem à Pesca do Bacalhau*, p. 41.

⁵⁰ SIMÕES, Jorge – *Heróis do Mar. Viagem à Pesca do Bacalhau*, p. 44.

⁵¹ SIMÕES, Jorge – *Heróis do Mar. Viagem à Pesca do Bacalhau*, p. 44.

⁵² VILLIERS, Alan – *A Campanha do Argus. Uma viagem na pesca do bacalhau*, p. 88.

aos pescadores não era de boa qualidade. No livro de Aurora Rego, um maquinista afirma que para o pescador “que era quem trabalhava”⁵³ a comida não era tão boa como a que era servida àqueles que frequentavam a ré do navio, ou seja, ao capitão, piloto, imediato, maquinistas, motorista, médicos e enfermeiros. Normalmente, era dado ao pescador peixe e carne que vinham da América Latina. Para reforçar a sua alimentação, os pescadores faziam *panelacas*, um petisco feito com arroz e com carne de pássaros, normalmente pombaletes, cagarras e gaivinas, que voavam junto à embarcação e os pescadores, utilizando um isco, apanhavam.

Após a partida do porto, os dórís eram distribuídos por cada homem. Após o sorteio dos dórís, a tripulação era dividida. Segundo Alan Villiers, na sua viagem a bordo do lugre “*Argus*”, ficaram os açorianos a bombordo sob a orientação do imediato, e os continentais a estibordo sob a orientação do piloto. Esta divisão não significava qualquer disputa entre uns e outros, pois “todos viviam como melhores amigos”⁵⁴, tratando-se apenas “de uma forma de organizar o navio”⁵⁵. No entanto, no rancho (divisão onde os pescadores viviam, dormiam), não existia essa divisão.

Para Alan Villiers, parecia estranho que, “na suposta era da energia atómica, ainda fosse possível encontrar homens dispostos a arriscar a vida num ofício aparentemente tão frágil e ínfimo”⁵⁶, uma vez que os dórís eram embarcações simples sem nenhuns apetrechos.

Durante a travessia do Atlântico, cada homem preparava o seu dóri e apetrechava-o utilizando madeira (especialmente eucalipto). Além disso, ficavam encarregues de o pintar e arranjar. Segundo Alan Villiers, “todos os homens eram carpinteiros, mas não havia nem uma oficina de carpinteiro a bordo”⁵⁷.

Na primeira largada ao mar, os pescadores apareciam no convés “com luvas de lã grossa enfiadas nas mãos, com roupas oleadas vestidas, nos “fokins” o peixe frito, o pão e a tralha toda, desde o tabaco, em cigarros cuidadosamente enrolados, até às linhas de pesca e aos anzóis”⁵⁸. Antes da largada, era distribuído pela campanha o “mata-bicho”.

⁵³ REGO, Aurora Botão – *Viagens à Terra Nova: Memórias de um Tempo*, p. 133.

⁵⁴ VILLIERS, Alan – *A Campanha do Argus. Uma viagem na pesca do bacalhau*, p. 88.

⁵⁵ VILLIERS, Alan – *A Campanha do Argus. Uma viagem na pesca do bacalhau*, p. 89.

⁵⁶ VILLIERS, Alan – *A Campanha do Argus. Uma viagem na pesca do bacalhau*, p. 50.

⁵⁷ VILLIERS, Alan – *A Campanha do Argus. Uma viagem na pesca do bacalhau*, p. 89.

⁵⁸ SIMÕES, Jorge – *Heróis do Mar. Viagem à Pesca do Bacalhau*, p. 57.

A bibliografia é consensual sobre a hora em os pescadores dos navios à linha acordavam para iniciar a faina. Toda a gente era acordada às 4 da madrugada. Tomavam o pequeno-almoço, cada pescador recebia “a sua porção de isca para os anzóis”⁵⁹ e, poucos minutos após as 5, o capitão mandava arriar à água os dóris. Eduardo Lopes recorda que os pescadores “içaram as velas minúsculas e afastaram-se, à procura de fundos próprios com o mar ainda agitado e debaixo de uma chuva miúda e gélida”⁶⁰. Os dóris suportavam “condições de mar extremamente duras e transportam cargas de peixe que chegam aos 500 kg”.

Na Terra Nova, os pescadores iniciavam um duro trabalho. A pesca em dóris era, sem dúvida a mais perigosa, pois os pescadores ficavam afastados algumas milhas do lugre, “desde que eram lançados às águas a partir das 4 horas da manhã, ficavam entregues à sua sorte”⁶¹, sendo a luta pela sobrevivência uma constante para estes que tinham de lidar com os elementos da natureza, bem como com visitas imprevistas de baleias e tubarões.

A partir da campanha de 1937, as condições de trabalho e, em particular, a forma de cálculo dos salários dos pescadores “passou a ser fixada, unilateralmente pelo Grémio, rectificada por um outro organismo corporativo, a Casa dos Pescadores. O salário constava de uma parte fixa e outra parte percentual. As soldas fixas eram pagas metade no momento e a outra metade nas 24 horas que precediam ao embarque”⁶².

Sobre os horários de trabalho, nas fontes orais analisadas, os pescadores falam muitas das vezes em horários duríssimos. Na obra de Aurora Rego, um pescador afirma que, antes do 25 de Abril, chegou a trabalhar 36 horas seguidas⁶³. Também Joaquim Carvalho fala na entrevista que, antes de passar a timoneiro⁶⁴, trabalhava entre 12 a 18 horas. Nos navios de arrastão a tripulação trabalhava por quartos, o que, segundo João Sarabando, fazia com que a pesca rendesse mais⁶⁵. Joaquim Carvalho, na entrevista, relatou como era o horário durante a faina: pegava-se à meia-noite e trabalhava-se até às

⁵⁹ LOPES, Eduardo – *Os pescadores de dori*, p. 22.

⁶⁰ LOPES, Eduardo – *Os pescadores de dori*, p. 22.

⁶¹ REGO, Aurora Botão – *Viagens à Terra Nova: Memórias de um Tempo*, p. 39.

⁶² AMORIM, Inês – “As pescas”. p. 140.

⁶³ REGO, Aurora Botão – *Viagens à Terra Nova: Memórias de um Tempo*, p. 122.

⁶⁴ Esta categoria profissional será abordada mais para a frente deste trabalho

⁶⁵ SARABANDO, João — A captura do bacalhau exige dos pescadores penosos sacrifícios. In *A Capital*. Lisboa, 20 de Agosto de 1968.

6 da manhã, era servida a chora⁶⁶, parando meia hora, a seguir trabalhavam até ao meio dia, paravam para comer, lavar-se e iam descansar, e voltavam a levantar-se às 18 horas.

Quanto ao comportamento, este ficava marcado na cédula marítima do pescador⁶⁷. Caso fosse classificado como mau, dificilmente embarcaria em viagens seguintes. As irregularidades eram sujeitas a punição pelos capitães dos navios, ou pelo comandante do navio Gil Eanes e, às vezes, pelo cônsul português em St. John's. As sanções passavam por perder dias de solda fixa, dias de prisão ou suspensão de embarque temporária ou definitiva.

Não podemos falar sobre a vida em alto mar sem nos vir à cabeça o navio hospital Gil Eanes. Este navio era o único com capacidade de assistir os tripulantes nos mares da Terra Nova, sendo inclusive utilizado por estrangeiros. No *Jornal do Pescador*, enaltece-se muito este navio. Inclusivamente, numa entrevista aos capitães dos arrastões bacalhoeiros, é questionado ao capitão Manuel Gonçalves Viana se existia algum navio melhor que o Gil Eanes. Esta questão vem de uma outra sobre se na última campanha o mesmo capitão se deparara com barcos novos de outros países, tendo este respondido que chegou a ver dois barcos britânicos, chamados de navios-fábricas, por serem navios onde se fabricava de tudo (filetes, farinha, óleo). Isto dá-nos a entender que para o Estado era importante ter um navio que mostrasse a sua grandeza, e este era nem mais nem menos o Gil Eanes⁶⁸. O *Jornal do Pescador* tinha também uma rubrica onde escreviam os médicos que viajavam a bordo deste navio, designada *A assistência médica ao pescador bacalhoeiro*. O navio andava pelos bancos e, quando alguém estava doente, era-lhes comunicado e o doente levado até lá num bote a remos. Os pescadores só recorriam ao navio-hospital caso fosse grave, as coisas pequenas eram tratadas pelo médico ou enfermeiro que ia a bordo da embarcação bacalhoeira⁶⁹.

4.1 As relações sócio-profissionais

Quanto às relações sócio-profissionais, o capitão era o topo da hierarquia e, portanto, os pescadores deviam obedecer-lhe. Num navio com muitos homens o capitão era obrigado a ter pulso firme. Nesta época, era constante o capitão, ao mínimo

⁶⁶ Tratava-se de uma sopa feita com peixe.

⁶⁷ Anexo 3.

⁶⁸ Conversando com os capitães dos arrastões bacalhoeiros, quase na hora da largada para os bancos da Terra Nova e da Gronelândia. SARABANDO, João — A captura do bacalhau exige dos pescadores penosos sacrifícios. *Jornal do Pescador*. Lisboa, Março de 1961, p. 17.

⁶⁹ Entrevista a Joaquim Carvalho, 2018 Cf. Anexo 4.

desacato, ameaçar que mal a embarcação atracasse em Lisboa, os pescadores iam logo para a Guerra Colonial⁷⁰.

Na bibliografia consultada é mencionado o facto de os pescadores verem os maquinistas com alguma desconfiança, uma vez que não conviviam com a restante tripulação e auferiam um rendimento extra sobre o óleo de fígado de bacalhau⁷¹. No entanto, através dos relatos recolhidos e consultados no livro de Aurora Rego, pode-se concluir que, na década de 60, os pescadores apesar de pouco conviverem com eles, não os viam com desconfiança. Aliás, segundo Joaquim Carvalho, recorriam muitas vezes a eles, que lhes arranjavam gasóleo para fazer “panelacas”⁷².

Segundo a historiadora Inês Amorim, tanto o capitão como o grémio tentavam recrutar a tripulação de modo a “impedir a constituição, a bordo, de fortes grupos de solidariedade e interação, de cariz local ou regional, e impedir qualquer gesto de mínima rebelião às suas ordens”⁷³, mas na prática isto acabava por não acontecer.

De facto, nas fontes analisadas para a realização deste trabalho, a maioria dos pescadores era colocada nas mesmas embarcações que familiares ou amigos. Isto porque recorriam a estes, que já andavam na pesca, para os levar e desse modo escapar à Guerra Colonial. Foi este o caso de Joaquim Carvalho que tinha o pai e tios na pesca e decidiu recorrer a eles. Na entrevista, conta que foi o tio, que andava no arrastão David Melgueiro, que falou com o capitão, Gilberto Morgado, que lhe deu uma resposta positiva e o inscreveu na SNAB⁷⁴.

Por fim, o facto de estes homens passarem cerca de 6 meses em alto mar dentro de um navio, levou a questionar se existiria espírito de camaradagem. De maneira geral, existia espírito de camaradagem, estes homens, além de cuidarem uns dos outros, eram como uma família. Verificou que eram geralmente camaradas, “auxiliando-se mutuamente”⁷⁵, mas existiam também aqueles que “destoavam do conjunto”⁷⁶. No entanto, isto não impedia que, de vez em quando, houvesse algum tipo de confusão, mas que rapidamente era resolvida pelo capitão.

⁷⁰ Entrevista a Joaquim Carvalho, 2018 Cf. Anexo 4.

⁷¹ AMORIM, Inês – “As pescas”. p. 157.

⁷² Entrevista a Joaquim Carvalho, 2018 Cf. Anexo 4.

⁷³ AMORIM, Inês – “As pescas”. p. 141.

⁷⁴ Abreviatura para Sociedade Nacional do Armadores de Bacalhau.

⁷⁵ LOPES, Eduardo – *Os pescadores de dori*, p. 19.

⁷⁶ LOPES, Eduardo – *Os pescadores de dori*, p. 20.

4.2 Adversidades

Durante a sua estadia em alto mar, o pescador tinha que lidar com adversidades de foro geo-climático e outras, como o nevoeiro, a presença de baleias⁷⁷, os ciclones e o gelo. O maior inimigo dos pescadores era a névoa que, no entanto, não os detinha de ir à pesca, mesmo tendo consciência que podiam ficar perdidos durante dias, e de conhecerem histórias sobre pescadores que foram encontrados mortos no dóri e outros que com os remos e a vela conseguiram chegar a portos canadianos.

Jorge Simões diz na sua obra que, à conta da névoa, um pescador se perdeu e só foi encontrado, por acaso, por outro navio português. Quando o pobre pescador recuperou os sentidos pedia que lhe dessem um par de remos que ia para a sua terra⁷⁸. Já Eduardo Lopes relembra na sua obra uma memória sobre um homem que se perdeu no banco. Quando apareceu junto à embarcação, o pescador foi auxiliado, mas com dificuldade, pois, segundo o autor, “o homem tremia, devido ao frio e ao medo. Um medo angustioso que decerto os torturara durante as horas passadas, e cuja lembrança o fazia ainda gerar os maxilares, com uma força espasmódica, que lhe vincava fortemente os traços do rosto lívido e molhado”⁷⁹. Ao lembrar de um incêndio numa embarcação, Jorge Simões escreve o seguinte:

em complemento e para aumentar a tragédia, o mar negro, violento, forte, sempre agitado, erguendo castelos e abismos de água e espuma. A finalizar um navio que se perde, e trinta e seis náufragos, trinta e seis portugueses, que ficam abandonados durante horas, em onze dorys pequenos⁸⁰.

Outro medo, este pouco conhecido, era o das baleias. O autor relata o encontro entre um pescador açoriano e uma baleia que se emaranhou nas linhas de pesca e veio à superfície “praticamente debaixo da embarcação, agitando-se quase ao ponto de a virar e deitando fora parte do equipamento”, depois foi se arrastando levando consigo o trol e consequentemente todo o bacalhau, tendo depois recuperado o que conseguiu do trol e todo o equipamento que flutuava. As colisões entre dóris e baleias eram recorrentes.

Os ciclones também assustavam os pescadores portugueses. Este fenómeno afetava tanto os navios de pesca à linha como os navios de arrasto. Estes são mencionados tanto nos relatos orais como no *Jornal do Pescador* e no *A Capital*. São

⁷⁷ No caso dos pescadores lançados ao mar nos seu dóris.

⁷⁸ SIMÕES, Jorge – *Heróis do Mar. Viagem à Pesca do Bacalhau*, p. 110.

⁷⁹ LOPES, Eduardo - *Os pescadores de dori*, p. 44.

⁸⁰ SIMÕES, Jorge – *Heróis do Mar. Viagem à Pesca do Bacalhau*, p. 103.

vários os relatos em entrevistas, publicadas no *Jornal do Pescador*, sobre o medo de ciclones. Segundo Joaquim Carvalho, quando havia ciclones graves, o Canadá avisava através de código morse e, se o navio estivesse perto do porto, refugiavam-se lá, se fossem só umas “brizazitas”, o navio era colocado em capa “e navegava para regiões mais calmas”⁸¹ e não pescava⁸².

O gelo era outro factor geo-climático que podia afetar a navegação, sendo que numa das entrevistas, Joaquim Carvalho conta que devido ao gelo as portas do navio de arrasto fizeram ricochete e furaram o porão⁸³. Os graus negativos com que estes pescadores tinham que lidar eram outro flagelo. As temperaturas negativas levavam a que as mãos destes homens gretassem, causando feridas.

4.3 O papel de St. Johns na vida destes pescadores

O porto de St. Johns teve um papel importante na vida destes pescadores, mas não era o único porto onde os navios portugueses atracavam, uma vez que também paravam na Noruega. Com a chegada dos portugueses, a baía enchia-se de embarcações e eram constantes os trabalhos de carga e descarga. Em St. John’s, os navios abasteciam-se com mantimentos, isco e combustível⁸⁴.

Eduardo Lopes, na sua obra, considera St. John’s como um dos melhores portos de abrigo, graças à sua configuração única. Além disso, afirma que pela sua barra só passava um navio de cada vez. A paragem neste porto servia muitas vezes para familiares que estavam em diferentes navios se encontrarem.

Em St. John’s juntavam-se, segundo Allan Villers, cerca de 1000 pescadores. Este porto era um lugar para os pescadores “esticarem as pernas”, depois de várias semanas em alto-mar, num espaço confinado. Os pescadores aproveitavam para passear e “conviver e beber uma cerveja”⁸⁵ em bares, como o Borings. Havia também quem aproveitasse para dançar, aliás são vários os relatos no livro de Aurora Rego sobre os bailes⁸⁶. Os pescadores também visitavam a Casa dos Pescadores construída nesse porto, onde aproveitavam para conviver, mas, muitas das vezes, também para tomar

⁸¹ SARABANDO, João – “A captura do bacalhau exige dos pescadores penosos sacrifícios”. *A Capital*. Lisboa, 20 de Agosto de 1968.

⁸² Entrevista a Joaquim Carvalho, 2018 Cf. Anexo 4.

⁸³ Entrevista a Joaquim Carvalho, 2018 Cf. Anexo 4.

⁸⁴ REGO, Aurora Botão – *Viagens à Terra Nova: Memórias de um Tempo*, p. 119, 184, 186.

⁸⁵ Entrevista a Joaquim Carvalho, 2018 Cf. Anexo 4.

⁸⁶ REGO, Aurora Botão – *Viagens à Terra Nova: Memórias de um Tempo*, p. 191.

banho⁸⁷. O regime pretendia que esta fosse um “prolongamento da Obra Social do Estado Novo no campo da pesca”⁸⁸. Na sua edição de Dezembro de 1962, o *Jornal do Pescador*, mostra as instalações que a Casa dos Pescadores possuía, como um salão de convívio, balneários, uma sala para os oficiais e ainda dois gabinetes médicos a que o pescador podia recorrer na ausência do Gil Eanes. Há também relatos de homens que aproveitavam esta paragem para lavar a sua roupa⁸⁹. Segundo Alan Villiers, em St. John’s, sempre que o clima permitia, aproveitavam para ir em grupos até aos ribeiros mais próximos “levando consigo a roupa suja para lavar, batendo-a contra as rochas, já que nos lugres não havia água doce disponível para esse efeito”⁹⁰. Outros preferiam ficar pelos cais.

Segundo Jorge Simões, a cidade parecia “regida por uma grande central mecânica em que os propulsores se movimentam sempre com ritmo igual”⁹¹. O mesmo autor compara, na sua obra Lisboa a St. Johns caracterizando a primeira como uma cidade “luminosa e clara”⁹² e a segunda “cinzenta e negra”, pois possuem um clima muito diferente.

Havia uma grande diferença de mentalidades entre estes dois países. Podemos comprovar isto através da crítica feita por Jorge Simões às “misses”, desde a sua estrutura física até ao vestuário, bem como “farpas” que lhes dirige ao decorrer do texto como a seguinte frase acerca a descrição da cidade “negra do fumo dos caloríficos, do pó de carvão do porto e, talvez, dos cigarros da “misses” loiras que passeiam nas suas ruas”⁹³.

Jorge Simões também faz comparações relativas ao custo de vida entre ambos os países. Segundo este, os estabelecimentos possuíam variados artigos e os preços equiparavam-se aos de Lisboa. Apenas os restaurantes e cervejarias, salvo raríssimas exceções podem considerar-se inferiores.

Quando questionado sobre as principais diferenças entre os portos canadianos e Portugal, Joaquim Carvalho referiu a modernidade que se via lá:

⁸⁷ REGO, Aurora Botão – *Viagens à Terra Nova: Memórias de um Tempo*, p. 194.

⁸⁸ “Pescadores Bacalhoeiros em S. João da Terra Nova”. *Jornal do Pescador*, Dezembro de 1962, p. 49.

⁸⁹ REGO, Aurora Botão – *Viagens à Terra Nova: Memórias de um Tempo*, p. 188.

⁹⁰ VILLIERS, Alan – *A Campanha do Argus. Uma viagem na pesca do bacalhau*, p. 107.

⁹¹ SIMÕES, Jorge – *Heróis do Mar. Viagem à Pesca do Bacalhau*, p. 156.

⁹² SIMÕES, Jorge – *Heróis do Mar. Viagem à Pesca do Bacalhau*, p. 158.

⁹³ SIMÕES, Jorge – *Heróis do Mar. Viagem à Pesca do Bacalhau*, p. 160.

Lá era outra história. Vestiam-se e andavam muito melhor que nós. Enquanto aqui era uma miséria lá não. Já havia escadas rolantes, as vezes íamos lá só para andar nas escadas rolantes, subíamos numa descíamos noutra⁹⁴.

Era através deste porto que os pescadores recebiam e trocavam correspondência com a família. Esta chegava, sobretudo, através de cartas, uma vez que o envio de telegramas era caro. Isto levava a que o telegrama apenas fosse utilizado para transmitir informações rápidas, como um falecimento ou um nascimento.

A bibliografia menciona que os pescadores recebiam as cartas através de St. John's ou do navio hospital Gil Eanes⁹⁵. Na sua tese, Nuno Costa apurou, através da entrevista a duas mulheres de pescadores, uma cujo homem participou num navio de arrastão e outra cujo marido participou num navio de pesca à linha, que em ambos os casos as cartas eram enviadas ao correspondente da empresa em St. John's que só enviava as cartas quando um navio ia a terra.

Nas entrevistas constatou-se que a troca de correspondência também era feita quando algum navio que estava na faina parasse no porto. O primeiro navio que parasse no porto recolhia as cartas e enviava as que lhes haviam sido entregues, ou trazia as cartas que lá havia. Depois os pescadores dos diferentes navios metiam-se em botes e iam buscar⁹⁶.

Conclusão

Em suma, na década de 60, um dos motivos que levou estes homens a participar nas campanhas de bacalhau foi a Guerra Colonial. A grande maioria dos pescadores e tripulantes inscritos, em 1966, era jovem (mais de 70% com idades até 29 anos), natural de e residente nos distritos de Aveiro, Porto e Coimbra.

Com este estudo também se procurou perceber, através dos testemunhos orais e das entrevistas transcritas no livro de Aurora Rego, como era a vida em alto mar. Concluímos que esta faina era dura, mas que era uma melhor hipótese do que a guerra.

Quanto às relações sócio-profissionais, os testemunhos estudados dão uma visão diferente da bibliografia acerca da relação entre os pescadores e os maquinistas,

⁹⁴ Entrevista a Joaquim Carvalho, 2018 Cf. Anexo 4.

⁹⁵ Entrevista a Celestino Carvalho, 2018 Cf. Anexo 5.

⁹⁶ Entrevista a Joaquim Carvalho, 2018 Cf. Anexo 4.

demonstrando que estes se davam bem, apesar de pouco falarem por estarem confinados a espaços diferentes. O espírito de camaradagem estava presente nos navios, até mesmo entre os tripulantes e os pescadores, mas não podemos negar que era maior entre pescadores. A duração e a dureza desta faina conduziu a que os pescadores criassem laços de amizade, sendo raro haver casos de zaragatas.

Por fim, acerca do papel de St. Johns e as diferenças entre Portugal e Canadá, deve destacar-se que era um lugar de lazer e diversão para os portugueses, onde também havia um choque cultural, entre uma cultura mais desenvolvida e outra muito mais conservadora.

Tanto a fonte utilizada como o tempo para a realização deste trabalho apresentaram algumas limitações. Por um lado, a fonte utilizada revelou-se incompleta, sendo que uma das maneiras de a completar seria a utilização das fichas complementares que os trabalhadores do GANPB anexavam à ficha de inscrição, que continha todas as campanhas e relatava acontecimentos, como um desaparecimento. Por outro lado, devido à limitação de tempo foi apenas analisado um ano, pelo que consideramos que, para um estudo mais aprofundado, deveria ser realizado um estudo a toda a década.

Assim sendo, deixamos em aberto para um trabalho posterior, a possibilidade da realização de um estudo sobre as representações da pesca do bacalhau na imprensa nacional e/ou internacional e sobre os pescadores bacalhoeiros, através do cruzamento das fichas de inscrição do GANPB com as fichas complementares do GANPB.

Anexos

Anexo 1. Ficha de Inscrição no GANPB de Joaquim

J. Inguineiro **DECLARAÇÃO** *R29/6*

Prestado ao Grémio dos Armadores de Navios da Pesca do Bacalhau, para fins de inscrição no, mesmo

Nome Joaquim Aparício da Silva Carvalho Alameda
 Data do nascimento 8 de Janeiro de 1945 Natural de Airó
 Freguesia de AIRÓ Concelho de BARCELOS

Filiação Nome do Pai Celestino Ferreira de Carvalho
 Nome da Mãe Júlia Pereira da Silva
 Casado em _____ de _____ de _____, em _____
 com: _____
 Estado O casamento foi realizado na Igreja Católica? _____
 Viúvo desde _____ de _____ de _____
 Divorciado desde _____ de _____ de _____
 Amancebado com _____

RESIDÊNCIA (RUA, NÚMERO E LOCALIDADE) Airó - BARCELOS
 N.º DA CÉDULA MARÍTIMA: 4.646
 PASSADA NA CAPITANIA DO PORTO DE: VIANA DO CASTELO
 DATA EM QUE A CÉDULA FOI PASSADA: 12 de Março de 1963

JÁ FOI À PESCA DO BACALHAU? NÃO
 Exerce a profissão de pescador de bacalhau desde o ano de _____
 Em que navio foi à pesca do bacalhau, pela última vez? _____
 Em que ano matriculou, pela última vez, para a pesca do bacalhau? _____
 Qual foi a profissão que exerceu a bordo? _____
 Se exerceu a profissão de pescador, quantos quintais de bacalhau pescou? _____ qts.
 QUAL É A CATEGORIA EM QUE DESEJA MATRICULAR? VERDE - PESCADOR
 Deixou de exercer a profissão em _____ por motivo de _____
 Situação militar: _____
 (No caso de ter cumprido o serviço militar, indicar o número, classe (ano) e unidade a que pertenceu)

PESSOAS A SEU CARGO

FILHOS MENORES			FILHOS MAIORES			
N.º	Nome	Data de Nascimento	Nome	Data de Nascimento	Estado	Profissão
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
10						

DECLARO QUE EXAMINEI O DECLARANTE E QUE O ACHEI APTO PARA A PESCA DO BACALHAU
 (apto ou inapto)

J. Inguineiro, médico

Campeão	Navio	Categoria	Observações
1966	"David Inguineiro" (2.ª r.)	Verde - Pescador	
1967	" " "	" "	

Tem tido assistência médica do Grémio? _____ E sua família? _____
 Localidade e data em que este impresso foi preenchido pelo interessado: _____
Lisboa, 27 de Junho de 1966
 (Assinatura do declarante) *Joaquim Aparício da Silva Carvalho*

IMPORTANTE:— (Este impresso, depois de preenchido pelo declarante, deverá ser assinado pelo médico do Grémio ou da Casa dos Pescadores respectiva e seguidamente visado pela Capitania do Porto ou Delegação Marítima da localidade da sua residência).

Tip. Ideal - Lisboa - 6-964 - 1.200 ex.

Fonte: CIEmar - Ílhavo. Grémios dos Armadores dos Navios da Pesca do Bacalhau — *Fichas de inscrição de Pescadores e Tripulantes, 1966*.

Anexo 2. Ficha complementar do GANPB de Joaquim Carvalho

N.º de inscrição **16.923**

Nome: **JOAQUIM APARÍCIO DA SILVA CARVALHO**

Morada: **BARCELOS** Natural de: **Airó - Barcelos**

Data do nascimento: **8** de **Janeiro** de **945**

Cédula marítima N.º **4.646** Capitania de **V. Castelo** passada em **12/3/963**

Empregos: _____

OBSERVAÇÕES

Verde-pesc.

1966	"DAVID MELGUEIRO" (2.v.)	Verde		
1967	"DAVID MELGUEIRO" (2.v.)	Verde (1.v.)	Verde (2.v.)	
1968	- - - (1.2.v.)	Verde		
1969	- - - (1.2.v.)	- - -		
1970	- - -	- - -		
1971	- - -	Rezum		
1972				
1973				
1974				
1975				
1976				
1977				
1978				
1979				
1980				
1981				
1982				
1983				
1984				
1985				
1986				
1987				
1988				
1989				
1990				

Fonte: CIEmar - Ílhavo. Grémios dos Armadores dos Navios da Pesca do Bacalhau — *Fichas complementares do GANPB*.

Anexo 3. Cédula de Inscrição Marítima de Joaquim

Capitania do Viana do Castelo
P. 4,50
12-3-763
Verba n.º 700

D. M. M-19
(Decreto-Lei n.º 23.764, de 13 de Abril de 1994)

Departamento Marítimo do _____

Capitania do porto de | Viana do Castelo
Delegação Marítima de |

CÉDULA DE INSCRIÇÃO MARÍTIMA
Pesca
N.º 4646

Nome Joaquim Aparício da Silva Carralho

20.000 ex. — 3.950

(2) Departamento Marítimo do Pesca

Livro de inscrição n.º 22 Folhas 22

Data da inscrição 12-3-1963

Nome Joaquim Aparício da S. Carralho
Filho de António Pereira de Carralho
e de Julia Pereira da Silva
Natural da freguesia de Barcelos
Concelho de Barcelos
Distrito de Bragança
Nasceu em ? de Janeiro de 19 45
Ocupação antes da inscrição Trabalhador

Documentos apresentados para a inscrição
Os exigidos por lei

Capitania do porto de | Viana do Castelo
Delegação Marítima de |

O Capitão do porto ou Delegado marítimo
[Assinatura]

Sinais característicos

Altura 1,65m
Barba Nenhuma
Cabelos Castanhos
Cor Natural
Olhos Castanhos

(Assinatura do marítimo)
Joaquim Aparício da Silva Carralho

Impressão digital da polegar direito
[Impressão]

13 de Março de 19 63

O Escrivão
[Assinatura]

[illegible]

466

[illegible]

467

Anexo 4. Entrevista a Joaquim Carvalho

1. Por que motivo(s) decidiu inscrever-se na pesca do bacalhau?

JC: Ora, eu decidi inscrever-me na pesca do bacalhau porque sou filho já de pai pescador. Tive o meu pai que andou lá 20 anos e, como em 1965 tive que ir à inspeção, e fiquei apurado, ia para o curso de sargentos milicianos, porque tenho o segundo ano, para Santarém, mas nessa altura guerra tinha instaurado em Angola e nessas províncias ultramarinas, e o medo da tropa era muito grande. Houveram colegas meus que foram para a França a salto, e eu fui convidado por um amigo meu para ir com ele, mas como o meu pai era pescador, eu decidi escrever-lhe para pedir para levar para a beira dele, para fugir à tropa. Só que o meu pai quando me respondeu disse-me que não, não queria nenhum filho passa-se a vida que é a de pescador. É muito dura. Mas eu, também para ir para a tropa, tinha medo. Então decidi pedir á mulher de um tio meu, que andava no David Melgueiro, era copeiro, para ver se ele também me levava para lá, uma vez que o meu pai não quis que eu fosse para lá, para a beira dele, eu decidi pedir ao um tio meu. Essa minha tia escreveu ao homem, e ele pediu ao capitão, que era o capitão Gilberto Morgado, para ver se me levava para lá, e o Gilberto Morgado como era muito amigo desse meu tio, disse que sim, inscreveu-me na SNAB e quando ele veio, eu fui para lá, não fui para o lugar dele, fui como se vai hoje para o primeiro emprego que lá éramos verdes, depois no segundo ano, quando é coisa, se aquilo corresse bem passávamos a maduros, já se ia ganhar mais um bocadinho e depois dali tínhamos que procurar um emprego dentro do próprio navio. Eu também procurei um emprego. Lá era salgador. Nos primeiros anos andei a servir os outros. Buscar a comida à ré para a proa para servir os outros, ao fim tinha que lavar a louça dos outros pescadores, e depois ia-se trabalhar, havia dias em que eu trabalhava 18 horas por dia, 6 horas eram o descanso, só que a gente ia comer, ia-se lavar e essa história toda, e vá-lá ficariam 5 horas para a gente descansar.

2. Encontrou algum problema a inscrever-se?

JC: Eles não me puseram nenhum problema, só que fiz a inscrição e depois tinha que se ir lá porque tinha que ir ao banho, para saber se sabia nadar, e eu fui para a pesca do bacalhau e não sei nadar, é curioso, eu fui para a pesca de bacalhau e não sei nadar, só que quando eu fui para ir lá, naquele dia marcado que tinha que ir ao mar, ao banho, chovia muito, e então, o senhor que esta na capitania virou-se para mim e disse “ Ó meu

menino isto está tanta chuva, tanta chuva, tu sabes nadar” “Sei, sim senhora”, menti. Passamos ali um bocado de tempo e voltamos para dentro outra vez e passaram a coisa como se fosse certa.

3. Como era a feita a escolha da companhia e do navio em que embarcava?

JC: No meu caso, foi feito um pedido ao comandante para eu ir para esse navio

4. Quantos anos estive na faina?

JC: Andei lá de 1966 a 1971, mas era obrigatório 7 anos que era para liberar à tropa. Só que eu apanhei uns anos, umas viagens que eram longas e apanhavam mais de um ano. Pedi ao comandante que foi substituir o Gilberto Morgado, que era o Cardinal Ribeiro, pedi para ficar em terra, e ele disse que sim, disse-me que podia ficar, só que ainda tinha que fazer mais uma viagem, só que eu, por outras histórias, fui a Alcântara Mar com um sujeito, falei-lhe que ia ficar mas precisava de meter um atestado para o ministério da marinha como andava lá, mas eu fiquei em terra. Nunca mais fui chamado, só recebi uma carta a dizer “fica cativo à SNAB”.

5. Como era a viagem até atingir os bancos e começar a faina?

JC: Durante essa viagem, nós saíamos no porto de Lisboa e no caso (do navio) em que eu andei íamos, se não me engano a Cartagena ou Torrevieja meter sal [...] e enchíamos um porto de sal, de lá vamos diretos para a Terra Nova. O primeiro banco era o Flesmish Cap mas era muito fundos depois íamos sempre por aí fora, para a terra Nova o Lavrador, para o canal S. Lourenço entre o Canada e Newfoundland [...] e andávamos a procurar porque x navios tinham um código para saber se estava a dar peixe ou não ou se iam procurar outros pontos de pesca [...]. Durante a viagem daqui para lá, quem era redeiro tinha que arranjar as redes [...] uma rede que levava umas boias e tinha umas comportas muito pesadas que é para ir ao fundo, que é para abrir; os salgadores iam [...] pôr o sal todo em ordem, no meu caso que quando fui era verde, [...] haviam uns cestos de verga ou de Vine grandes que eram para as caras e línguas de bacalhau e essa história toda mas nós tínhamos que meter umas cordas porque ao pegar naquilo eles podiam partir, por isso metíamos umas cordas, entrançávamos aquilo tudo, e ponhamos tudo em ordem para quando chegássemos lá estar tudo pronto. Ali não se podia falhar nada, era sempre a trabalhar, ali não se podia para nada.

6. Que categoria profissional exerceu?

JC: Ao fim de dois anos de verde-maduro, fui para timoneiro, fazer as vezes do piloto. Mas não havia piloto no navio?

JC: Houve, mas nesse ano que eu fui para cima ele ficou em terra e então foi quando a SNAB como construiu um navio de arrasto de polpa, e esse que estava lá (*no David Melqueiro*) a timoneiro foi para esse navio novo. Eles passavam aqueles que eram melhores, que tinham mais anos para o navio novo. E eu nesses dois anos como andava em baixo, devia ser o meu tio que falou com o comandante. [...] Então nesse segundo ano o comandante do navio chamou o contramestre [e disse] vai chamar o Aparício para vir fazer leme que vai ficar aqui a fazer leme, não há piloto. Eu não percebia nada daquilo, mas pronto fui e aprendi. Quando andei em baixo trabalhei 12 a 18 horas, e lá foi de 6 em 6 horas. Pronto, foi melhor, para mim foi melhor. Mas tive que aprender outras coisas, tirar posições, saber onde o navio andava, porque aquilo é quase como aqui em terra, há regras, o navio não pode cruzar-se com outro tem que se ter direitas e passava bombordo com bombordo, e aquilo ia bem. Tivemos lá um caso onde uma vez um caso de um navio russo nos passa pelo lado estibordo, o nosso navio pescava por aquele lado. E o navio russo, um navio grande de polpa, veio encostado a nós e levou-nos o aparelho todo, foi bacalhau, foi aparelho, foi tudo. Eles ao puxar as redes para cima, com uns maçaricos cortaram-nos o cabo levaram nos tudo e nós ficamos sem nada.

7. Como era o dia-a-dia no navio?

JC: O meu dia-a-dia era o seguinte eu quando fui para lá, foi para servir os outros, ia buscar o comer para os outros. O navio era aberto de face a face e fazia-se uma passarela, uma passagem em tábuas com cordas da proa à ré. Estão, nós íamos para cima da proa e depois vínhamos pela passarela fora. Quando o mar estava bravo muitas vezes ia comida ia tudo, a gente tinha que se agarrar, vínhamos com o pão numa mão e a terrina da sopa noutra e tínhamos que andar, o navio gingava e a gente tinha que correr e andar a sacudir-se para outro lado depois de passar para o outro lado já haviam pegadas porque ali eram só cordas [...] ao fim ia lavar a louça dos tripulantes [...] e ao fim de lavar isso ia tirar línguas e caras de bacalhau que aquele navio fazia farinhas, farinhas de peixe, ali só se perdiam as tripas de bacalhau de resto, era tudo para farinhas, as espinhas, cabeças, depois de limpas. Depois quando passei a maduro ia fazer o trote, era amarrar no bacalhau, quando ele sai do mar cai num *quete*, amarrava-se nele espeta-se num prego e faz-se uma cruz e tira-se-lhe o fígado, o fígado vai para fazer óleo as tripas vão para uma canēja, chamava-se canēja aquilo que estava sempre a deitar água para levar para o mar, depois atirávamos o bacalhau para outro lado. Uns estavam a fazer o

trote, outros para cortar as cabeças e botar para cima de umas mesas onde estavam os escaladores que abriam o bacalhau tirar a espinha que ia para uma canjeira [...] levada lá para fora, para o convés para meter para farinha.

8. Considera que era um trabalho duro?

JC: *Uiii*, se era, quando te falei que trabalhava 12 a 18 horas...é difícil, é dura, mas duríssima, mas era a única hipótese que a gente podia ter

9. Lembra-se das adversidades que passavam, como o mau tempo?

JC: Sim, tivemos lá um problema muito grande até. Eu vou comentar um, mas houve muitos. O navio quando haviam certas tempestades, chamava-se o navio ficava de capa, não pesca. A ondulação era muito alta, muito grande e então o navio tinha de estar sempre com a proa às vagas. Muitas das vezes, uma hipótese, eu ia a 30 ou 40 graus, o navio ao levantar e ao bater ele fugia-me para o outro lado, já para uns graus e eu tinha que gingar ali com força para pôr aprumado outra vez [...]. Quando havia ciclones graves, o Canadá [...] avisava por morse, que era um telegrafista que recebia isso, [...] até para mandar telegramas para aqui era ele que os mandava. Quando ia haver um ciclone muitas das vezes se tivéssemos perto da terra ia mos até St. Johns, outras vezes não, se fossem essas *brisazitas*, parava o navio não pescava e andávamos ali assim. Mas houve lá uma altura uma um bocado dura. Andávamos na costa do Lavrador, e o mar estava todo congelado praticamente, gelo mas que o navio partia, mas andávamos a fazer o arrasto e então as vagas eram grandes e no gelo não partem tanto porque o gelo amortiza muito, só que debaixo para cima, as portas são assim umas coisas grandes de ferro pesado que andam a arrastar pelo fundo, fez ricochete e furou-nos o navio, quando deram por ela, os salgadores quando foram já estava um porão meio de água, onde tinha muito bacalhau. O navio está a meter água 3x, e o comandante enviou ao Invicta, que estava a ir para terra que precisava da ajuda dele, para ir á frente como havia muita vaga eles largaram gasóleo, porque com o gasóleo a vaga não parte tanto. E nós viemos da costa do lavrador a St. Johns dois dias quase sem dormir praticamente ali sempre a tirar água porque ela entrava por um lado e tínhamos que tirar por outro, e viemos por ali fora. Chegamos a St. Johns e estava a barra fechada com o gelo. Veio um rebocador de St. Johns com um quebra-gelo à frente, com mergulhador que foi ver o buraco que era veio acima e levou uma saca que tapou o buraco, e depois tivemos lá 15 dias à espera para arranjar aquilo. Só que o bacalhau estava a desfazer-se todo e nós tínhamos que o deitar fora, eles disseram-nos onde ir despejar e nós já lá andávamos há uns meses, 6 ou

7 meses, já éramos para vir embora, e botamos um porão quase cheio de bacalhau, e fizemos greve lá porque queríamos vir embora, e o comandante não tinha ordens de terra para vir sem estar o navio cheio. Nós não 3x e ele também nos apoiava que ele também queria vir, mas não tinha aquelas ordens, não podia. Ele até dizia “Vocês quando chegarem a terra vão todos para a tropa”, mas ele mandou um telegrama para terra e foi lá o Gilberto Morgado que era o comandante de terra, e foi lá de avião, e depois ele lá convenceu as pessoas. Ele disse “vamos ficar aqui mais dois meses”, foi o ano que mais dinheiro eu ganhei, “nesses dois meses se o navio não encher vamos embora com ele tal e qual como está, eu vou com vós” e ele ficou lá também, já não veio embora de avião. Mas para ir para o lavrador por esse tempo vamos nos entreter por aqui e então o Gilberto morgado disse “vamos indo lá para o Flemish Cap, pescar por ali alguma coisa, a ver se dá e depois vamos embora”. Carregamos outra vez o navio, aquilo é que foi trabalhar [...] ora receber uma parte do bacalhau, o ordenado e depois o seguro foi o ano que mais ganhei.

10. E a alimentação, era boa ou má?

JC: A alimentação era normal, comia-se muito peixe [...] carne de orça que vinha se não me engano do Brasil. E havia a chora, era a sopa de manhã e davam o mata-bicho, sempre de madrugada, todos os quartos que faziam a noite quando fossem 3/4 horas vinha o comandante, o imediato ou eu, eles diziam-me muitas vezes eles diziam-me “manda-lá buscar o mata bicho” e eu ia à cozinha e o cozinheiro que estava de serviço[...] davam-me água ardente e eu metia numa garrafa. E aqui quando ia para lá comprava ameixas secas, partia, meti-as em garrafas de água ardente e ficava amarela, quando chegava ao Canadá era coado, metia noutra garrafa e quando chegava ao Canadá ganhava 5 dólares por aquilo

11. E o que era permitido levar?

JC: Às vezes levava vinho, eles davam mas a gente queria mais qualquer coisa. Eu comprovava [...] 100 litros de vinho maduro e levava, e a gente ia lá ao barril e tirava quando se fazia umas *panelacas*.

O que eram *panelacas*?

JC: Era tipo espanholada, era tipo um petisco que a gente fazia. [...] caçava pombaletes, cagarras (pássaros) e gaivinas. A gente então ia buscar fígado, com um fio de pesca um anzol metíamos o fígado atirávamos elas comiam e a gente caçava-as pelo

bico, matava esfolava, metíamos em vinha de alho e fazíamos uma arrozada. [...] ia-se ao cozinheiro [...] e pedia-se uma caneca de arroz para a gente fazer à proa.

Era o navio que racionava o tabaco?

JC: Quando o meu pai andou era tabaco em fio, davam-lhe um kg a cada um. Quando eu fui para lá eles davam parece-me que era um maço Marlboro. Por falar em tabaco, quando foi essa história do navio arrebentar. Eu tinha comprado uma caixa para trazer para cá, mas a gente ao ir a terra tinha que meter num porão para que a polícia do Canadá vinha e lacrava aquele porão e ninguém ia lá buscar, quando o navio saía do porto então abriam aquilo e podiam ir buscar o que quisessem em alto mar, mas em terra não que era para não andar candongas a vendê-los. Quando o navio arrebentou eu estava a dormir e tinha o tabaco, eu já dormia à ré [...] e debaixo do meu beliche tinha uma gaveta e eu meti ali o tabaco todo, quando o navio encostou estava a dormir [...] eu ferrei o galho e não fui levar o tabaco ao porão. Não fui levar o tabaco ao porão entra a polícia montada por lá dentro e ripou o tabaco todo. pronto, foi apreendido [...] levaram-me tudo e eu pedi tinha um maço que era do Porto, o tabaco que era Porto, e eu disse “deixe-me aquele”, tinha mais maços de tabaco e ele “não, este não”, deu-me um maço de Marlboro e eu disse “mas quero aqueles” mas ele não me deu. Depois foram para a proa e arrebentaram com tudo. O navio ia ser multado [...] só que o capitão foi também com eles para tribunal como fizeram estragos no navio, o capitão também exigia indemnização. [...] sei que fomos à Casa dos Pescadores lá em St. Johns onde vieram os polícias que fizeram essa busca ao navio [...] e o capitão contestou que eles partiram isto, partiram aquilo, partiram assado... só sei que nós sem as coisas ficamos, mas também não autuaram [...]

12. Qual a relação sócio-profissional entre os homens dentro do navio? Existia espírito de camaradagem?

JC: Nunca houve, nada uns contras os outros. Haviam aquelas zangas uns com os outros mas amanhã seguinte já estava tudo bem. Só tivemos lá um problema que foi o António Fé que estava a contar os quintais de bacalhau, vinha o bacalhau para lavar, lavava-se e ele com um garfo botava em cima de uma coisa que ele tinha que levava um quintal dele, abria e aquilo ia para o porão, era um quintal e tinha que contar os quintais que saíam. Esse é que pegou-se lá com um sujeito e atirou-lhe com uma faca, e ele foi fazer queixa ao capitão e o capitão chamou-o lá cima e mandou-lhe duas sapatadas.

O capitão tinha de ter o pulso firme?

JC: [...] Aquilo era como na tropa. Mas de resto nunca havia nada, dávamos-mos todos bem. Com 70 e tal homens ali todos... claro... não era fácil. Só que um quarto tinha x homens, outro tem outros x, outro tem outros x.

E não existia conflitos com os superiores, como com os maquinistas?

JC: Não [...] Nós que íamos para a tropa não podíamos estar a contestar as decisões que eram dadas pela companhia.

E vocês conviviam com os superiores?

JC: Sim, eu tenho ali uma máquina a petróleo que levei e ia-se buscar gasóleo aos maquinistas para fazer as tais panelacas. Ia-se lá baixo ao maquinista que ficava na casa das máquinas, eles davam gasóleo a gente metia na máquina e fazia panelacas.

Então era um ambiente em que todos davam-se bem, claro que o capitão tinha que o capitão tinha que manter uma postura mais exigente, mas mesmo assim vocês se davam bem com o capitão

JC: Claro, então não dávamos. Ele quando a gente, eu quando fui ao primeiro para tirar as caras e as línguas, quando por exemplo o trote acabava a escala eles ainda vinham dormir um bocado mas nós não ficávamos ali a tirar as cara e as línguas [...] olhávamos para cima para ver se o capitão nos via e empurrávamos com a bota as caras. Ele as vezes estava lá cima, fumava cachimbo vinha (batia) com quem olha que eu estou a ver. [...]

13. Qual era a relação dos pescadores com os superiores do navio? E a relação entre os diferentes grupos de pescadores?

JC: Dávamo-nos todos bem.

14. Como se organizava a tripulação, de acordo com as diferentes funções a executar?

JC: Pega-se a meia-noite a trabalhar até às 6 da manhã, sempre seguido, a não ser que acabasse o peixe, aí vamos dormir. Às 6 da manhã ia-se comer a chora [...] era meia horta e depois ia-se trabalhar outra vez até ao meio dia, [...] ao meio dia ia-se descansar, comia, a gente ia lavar-se ia comer e ia descansar, muitas das vezes descansava-se assim vestido. Só se tirava a roupa oleada. Às 6 da tarde já tinha que estar outra vez a pé, meia hora antes iam chamar que era para a gente ter tempo de se preparar, comer qualquer coisa para trabalhar até à meia-noite. No caso de apanhar a meia-noite [...] apanhava 18 horas por dia. O maduro é quando passas já ...já sabe mais daquilo passa por exemplo o roteiro, o maduro vai cortar as cabeças ao bacalhau, já conhece mais daquilo [...] para botar para o escalado. O escalador é o tal emprego, a função do escalador era abrir o

bacalhau e tirar-lhe a espinha. O salgador vai para o porão, eu cheguei a andar a aprender, como eu falei aquele António Fé contava os quintais e ia por uma canēja lá para o porão, e os salvadores estão lá em baixo a amarrar no bacalhau e a deitar-lhe sal e acamá-lo direitinho. O contramestre era o responsável, ele mandava, mas também fazia. A responsabilidade dele era mais no convés, porque depois também havia o mestre de salga, o responsável pela salga, cada sector tinha o seu responsável. (O capitão) era o responsável de tudo. Ele mandava me tirar posições ao lorã e ver se a sonda marcava peixes ou não e tirar as posições do navio. (o imediato) Quando o capitão estava em serviço o capitão é que mandava, o imediato estava em baixo. Mandar lagar as redes, recolher as redes. Ele é que tinha que passar as ordens do capitão aos pescadores. (O piloto), eu é que fiz a vez dele. No nosso navio existia enfermeiro, só íamos lá quando houvesse uns cortes nas mãos ou se doía a cabeça ele dava-nos uma aspirina. Havia eletricista, radiotelegrafista. Para saber tínhamos lá uma lata em que se botava uma tinta num coisinha que tinha dava-se à corda ela ia e quando vinha mau tempo ela subia tipo umas escalas um tipo ia ali (e dizia) “Sr. imediato vai vir mau tempo” ele ia ali começava a ver e já sabia se era grave ou não. (O cozinheiro) tínhamos que conviver se quiséssemos que ele nos desse arroz. (os maquinistas) Havia o 1º, 2º, 3º e depois haviam dois empregados lá a aprender.

15. Como eram as trocas de notícias com os familiares que estavam no continente?

JC: Era por cartas, a gente escrevia [...] e o primeiro navio que viesse a terra trazias, metia-se num saco, e a mesma história as que vinham daqui para lá iam para St. Johns e o primeiro navio que fosse a terra eles metiam para o navio [...] metiam num saco, e quando chegavam metíamo-nos em botes e íamos buscar.

Devia ser complicado perder certos acontecimentos que se passavam aqui no continente...

JC: Era complicado, custa um bocado mas dali não podíamos sair, ela (a mãe) morreu, eu estava a dormir até e chegou lá o telegrama, estão foram me por o telegrama por cima, eu dormia no beliche de baixo [...] só dizia “mãe morreu, Jaime”, foi que eu olhei dai a um bocado veio o contramestre e disse “deixa-te estar, descansa um bocado”

15. Quando paravam nos portos canadianos, o que faziam?

JC: Nos tínhamos uma roupa domingueira para quando íamos lá. íamos ao bar, Borings beber uma cerveja e conviver, muitos iam dançar. Aquilo comparado a Portugal naquela altura estava muito evoluído.

16. Esteve na casa de pescadores em St. Johns?

JC: Sim, ia mos lá porque era uma casa de convívio [...] jogava-se às cartas bebia-se café

17. Quais as principais diferenças entre os portos canadianos e Portugal?

JC: Lá era outra história. Vestiam-se e andavam muito melhor que nós. Enquanto aqui era uma miséria lá não. Já havia escadas rolantes, as vezes íamos lá só para andar nas escadas rolantes, subíamos numa descíamos noutra.

18. Alguma vez visitou o navio hospital Gil Eanes?

JC: Uma vez, fui lá arrancar um dente. O Gil Eanes quando andava a fazer a visita a gente dizia-lhe tenho um problema aqui com este doente. Então levávamos de bote até lá. E depois metiam-nos nos botezinhos e íamos a remo até ao navio.

Anexo 5. Entrevista a Celestino Carvalho

1. Por que motivo(s) decidiu inscrever-se na pesca do bacalhau?

CC: Para fugir à tropa.

2. Encontrou algum problema a inscrever-se?

CC: Não. Foi o meu pai que me inscreveu na escola de pesca. Naquele tempo havia a escola de pesca.

3. Como era a feita a escolha da companhia e do navio em que embarcava?

CC: Foi a escola que me mandou.

4. Quantos anos esteve na faina?

CC: Andei 7 anos. De 1969 a 1971.

5. Como era a viagem até atingir os bancos e começar a faina?

CC: Fazíamos vigia do navio, porque eu era moço, os outros faziam o trole. Estive sempre no navio.

6. Que categoria profissional exerceu?

CC: Fui moço, pescador, ajudante de cozinheiro e timoneiro, a fazer o leme.

7. Como era o dia-a-dia no navio?

CC: Fazia limpezas.

8. Considera que era um trabalho duro?

CC: Duro e ingrato.

9. Lembra-se das adversidades que passavam, como o mau tempo?

CC: Já vi um navio a ir ao fundo.

Lembra-se de algum desaparecimento?

CC: De perder não, mas de ficar mais distantes sim mas depois através da sirene ou buzina eles conseguiam os encontrar.

11. E a alimentação, era boa ou má?

CC: Alimentação não faltava lá, fazia-se as panelacas. De manhã era a chora.

10. Qual a relação socioprofissional entre os homens dentro do navio? Existia espírito de camaradagem?

CC: Era uma família autêntica. No tempo que lá andei foi uma família.

11. Qual era a relação dos pescadores com os superiores do navio?

CC: Nunca tive problema com ninguém. Escolhiam-me para olhar pela descarga do bacalhau.

12. E a relação entre os diferentes grupos de pescadores?

CC: Cada um tinha a sua profissão, mas não havia problema nenhum.

13. Como se organizava a tripulação, de acordo com as diferentes funções a executar?

CC: O moço fazia tudo o que mandavam, nos arreávamos os botes; o contramestre mandava no convés, haviam dois a mandar (havia um substituo); enquanto tivesse peixe tínhamos que ficar acordados a trabalhar, tinham que limpar tudo e o bacalhau estar no porão; com maquinista não existiam problemas. Havia enfermeiro.

14. Como eram as trocas de notícias com os familiares que estavam no continente?

CC: Era através de cartas quando íamos a terra ou através do Gil Eanes.

15. Quando paravam nos portos canadianos, o que faziam?

CC: Tanto parece em St. Johns como na Noruega, dependendo onde estava o navio.

16. Esteve na casa de pescadores em St. Johns?

CC: Estive na Casa dos Pescadores, onde ficava a ver televisão.

17. Quais as principais diferenças entre os portos canadianos e Portugal?

CC: Era muito diferente, já estavam muito evoluídos, até as pessoas.

18. Alguma vez visitou o navio hospital Gil Eanes?

CC: Visitei.

Fontes e bibliografia:

Fonte arquivística:

CIEMar - Ílhavo. Grémios dos Armadores dos Navios da Pesca do Bacalhau — *Fichas de inscrição de Pescadores e Tripulantes*, 1966.

Fontes hemerográficas:

Jornal do pescador. Lisboa, 1960-1969.

SARABANDO, João – A captura do bacalhau exige dos pescadores penosos sacrifícios. *A Capital*. Lisboa, 20 de Agosto de 1968.

Fontes orais:

Entrevista a Joaquim Carvalho, 10.03.2018.

Entrevista a Celestino Carvalho, 17.03.2018.

Bibliografia:

AMORIM, Inês – “As pescas”. In MADUREIRA, Nuno Luís (coord.) - *História do Trabalho e das Ocupações*. Oeiras: Celta Editora, 2001. Vol. II.

COSTA, Nuno Miguel Patação Loureiro da – *Mulheres de Bacalhoeiros: Sazonalidade e Género (1950 – 1974)* [Em linha]. Lisboa: ISCTE, 2008. Tese de mestrado. Disponível em: [www: <http://hdl.hsmde.net/10071/1469>](http://hdl.hsmde.net/10071/1469). [Consult. 15 out. 2017]

GARRIDO, Álvaro – *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*. Lisboa: Temas e Debates, 2010.

LOPES, Eduardo – *Os pescadores de dori*. Ílhavo: Museu Marítimo de Ílhavo, 2004.

MOUTINHO, Mário – *História da Pesca do Bacalhau: por uma antropologia do “fiel amigo”*. Lisboa: Editorial Estampa, 1985.

REGO, Aurora Botão – *Viagens á Terra Nova: Memórias de um Tempo*. Caminha, 2016.

SIMÕES, Jorge – *Heróis do Mar. Viagem à Pesca do Bacalhau*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.

VILLIERS, Alan – *A Campanha do Argus. Uma viagem na pesca do bacalhau*. Lisboa: Cavalo de Ferro Editores, 2005.